As Croniquetas de Artur Azevedo

Ana Cláudia Suriani da Silva

As dez crônicas que esta edição especial da revista *Remate de Males* apresenta fazem parte da extensa colaboração de Artur Azevedo com a revista de modas e literária *A Estação* (1878-1904). “Heloy, o herói”, pseudônimo que Artur Azevedo adotou para a série, preferia chamá-las de “croniquetas” e publicou-as religiosamente de 15 de dezembro de 1885 a 30 de junho de 1903 na “Parte Literária” dessa revista destinada, sobretudo, ao público feminino. Só deixava de haver croniqueta, como nos avisa Artur Azevedo em 15 de julho de 1890, por moléstia do cronistinha.

Nelas o escritor trata da vida social, política, cultural do Rio de Janeiro, com a mesma graça, simplicidade e humor presentes em suas outras séries de crônicas e na sua produção como contista e dramaturgo. As croniquetas trazem para o interior da revista a atualidade do Rio de Janeiro, do Brasil e do mundo, misturando uma diversidade de assuntos: a política, o movimento dos teatros, as principais notícias nacionais e internacionais que o telégrafo trazia, o carnaval, crimes, pragas, secas e enchentes, inaugurações e obras de infra-estrutura no Rio de Janeiro, disputas e lançamentos literários, o obituário da quinzena, o movimento dos portos, e, como era de se esperar, em se tratando de uma revista de moda, *toilettes*, bailes e até um pouco de colonismo social.

A colaboração de Artur Azevedo com *A Estação* certamente ofereceu treinamento e matéria para a composição de suas famosas revistas de ano, já que, na série *Croniqueta*, o escritor compilou o que era destaque na quinzena brasileira, sempre – é claro – filtrando as notícias para um público feminino. É também material muito rico enquanto retrato de um período da história brasileira, pois a série acompanhou de muito perto, por exemplo, a mudança do regime político do Império para a República e a modernização da imprensa e do Rio de Janeiro durante a *Belle Époque*. As croniquetas também apresentam matéria farta para o estudo da crônica enquanto gênero literário e, como já mencionado acima, para a relação entre essa faceta menos conhecida da obra de Artur Azevedo e seus contos (entre eles os que foram publicados na mesma *A Estação*) e teatro, os quais o consagraram como um dos escritores brasileiros mais populares de todos os tempos.¹

Boa leitura!

Fonte: “A Estação”, 15/03/1888

1. *Croniqueta*²

Escrevo em Buracópolis! Todas as ruas desta Corte estão convertidas em enormes buracos, que ameaçam tragar a respectiva população! Dizem-me que é o encanamento das águas pluviais que exige a abertura dessas medonhas e tremendas covas: será, mas que diabo! Quando tiverem que fazer movimentos de terra nas nossas ruas estreitas e incômodas, previnam a gente limpa, que toda desertará para Petrópolis – por exemplo – levando em sua companhia Sarah Bernhardt e os amigos.

*

O estado de miséria em que se acham as ruas da cidade coincide com os preparativos para as eleições municipais *Abyssus abyssum invocat*.

Queira Deus que os municípios se compenetrem de sua responsabilidade, e não mandem para a Câmara, esfomeados gaudérios. Estamos fartos desses vereadores famélicos e impudentes, que têm convertido a edilidade em verdadeira caverna. Votemos em indivíduos sérios, que tomem a peito promover os melhoramentos de que tanto carece esta cidade que, noutras mãos, seria a mais formosa do mundo. As nossas praças, as nossas ruas e as nossas praias merecem dos novos edis mais atenções do que as próprias algibeiras.

*

Por falar em algibeiras, lembrei-me – não sei por quê – do *Calças-largas*, que hoje, 18 de junho, foi chamado por Deus, que lhe pedirá severas contas de um crime que o Júri da Corte deixou vergonhosamente impune. Esse homem era um atestado vivo (hoje, felizmente, é um atestado morto) da serenidade das nossas instituições. O tribunal do Júri condena irremissivelmente os miseráveis gatunos, que roubam para matar... a fome, insuficientemente defendidos por algum rábula, mais ou menos Joaquim Caetano, e absolve os grandes ladrões e os grandes assassinos. É triste, é muito triste que nesta terra o ter dinheiro possa isentar um *Calças-largas* do merecido castigo da Justiça Pública! ...

Pelo mesmo motivo, há muito quem pretenda absolver a Sra. D. Francisca de Castro, a tal do crime Botafogo.

Desta vez o Sr. Dr. Figueiredo de Magalhães, advogado e médico da acusada, pode deitar os bofes pela boca... ou pela pena. Depois do luminoso parecer dos Srs. Drs. Souza Lima, Brandão e Teixeira de Souza, não há dúvida que a D. Chiquinha nada tem de doida, e é perfeitamente responsável pelos seus atos. Andem a fingir ataques de qualquer coisa que acaba em *IA*, mas, pelos modos, não os fingiu tão bem como Sarah Bernhardt em todos os finais de todos os quartos atos da *Dama das Camélias*, da *Frou-Frou* e da *Adriana Lecouvreur*.

*

Dois fatos extraordinários: um poeta que mata e um rei que se suicida.

O poeta é Silvestre de Lima. A notícia consta de um telegrama publicado por certa folha diária, e até agora não teve confirmação, ou explicação mais clara e minuciosa. Dizem que matou um tio, na cidade de Passos, nos confins de Minas. Por quê? Que poderoso motivo levaria a praticar semelhante desatino um moço de tanto ta-

lento e de tanto caráter? É o que mais tarde se saberá. Silvestre de Lima tem o direito de ser ouvido. Ninguém o condene sem o ouvir.

O rei é o famigerado Luiz da Baviera, que tinha, dizem, perturbações mentais à força de ouvir música de Wagner. Pelo que se sabia deste monarca, supunham todos que ele saltasse de contente no dia em que o depusessem do trono. Pois bem, matou-se, matou-se como Ofélia, afogando-se num lago coberto de formosíssimas ninféias, largas e musguentas. Um Wagner do futuro aproveitará a lenda do rei Luiz para uma trilogia, cheia de aparições fantásticas e de situações maravilhosas.

Ai, mundo, mundo! Já nem ao menos vale a pena ser monarca!...

Elói, o herói

2. *Croniqueta*³

Tivemos um carnaval honesto, bem comportado e sem água. Ao que parece, as medidas repressivas, decretadas pelo Sr. Chefe de Polícia contra o entrudo, chegaram até o céu. A natureza “fantasiou-se” e tomou parte da festa.

Graças às três sociedades carnavalescas – Democráticos, Tenentes do Diabo e Fenianos –, o fluminense divertiu-se a valer, perdendo, por alguns instantes, o seu caráter profundamente melancólico.

As ruas, enfeitadas, regurgitavam de povo, e os teatros estiveram muito concorridos. O carnaval de 1887 deixará gratas recordações aos amadores desse divertimento.

*

Tem também o seu *que* de carnavalesco esse D. Máximo Santos, ex-presidente da República do Uruguai, que esteve no Lazareto e atualmente está em Petrópolis.

D. Máximo, ferido pela bala da pistola revolucionária de Ortiz, foi alvo das mais lisonjeiras manifestações do povo de Montevidéu; tendo de partir logo depois para a Europa, levou na mala, dizem, credenciais de enviado extraordinário e ministro plenipotenciário junto a todas as potências européias; voltando ao seu país, encontrou a porta, isto é, o porto fechado, e a intimação de pôr-se imediatamente ao fresco; a República Argentina recusou-se igualmente a recebê-lo.... e o pobre D. Máximo refugiou-se no Brasil, a terra dos macaquitos.

Puro carnaval, – não lhes parece, leitoras?

Demais, a reportagem indigna tem feito correr por aí um mundo de anedotas sobre este general, corrido com o seu colega Fritz, no terceiro ato da *Grã-Duquesa*:

Hô la la!

Hô la la!

Eh! bédam, voilà le grief

De votre général en chef!

Sua Exa., dizem, foi carreteiro e hoje possui uma fortuna de cinquenta milhões de pesos; não se sabe, porém, se tem igual quantidade deles (pesos) na consciência. É acompanhado por um numeroso séquito; usa brilhantes em toda parte, até

na pinteira do charuto; tem uma bagagem tal, que precisa contratar vapores especiais para transportá-la; bebe um vinho de Champagne cuja marca é inteiramente desconhecida no Rio de Janeiro; tenciona comprar o palácio do Barão de Nova Friburgo, e distribui dinheiro como quem distribui almanaques de Bristol! ...

Um homem extraordinário, que naturalmente vai alegrar a Corte e Petrópolis com as festas mais pantagruélicas e mais principescas.

*

O nosso Imperador esteve doente, e o da Alemanha chegou mesmo a falecer... telegraficamente.

Felizmente o Sr. D. Pedro II está estabelecido ou quase restabelecido, com gaudío deste povo que o estima deveras, e não vê quem possa substituí-lo de pronto. Nas atuais circunstâncias, todos o reconhecem, o seu desaparecimento seria uma grande calamidade política.

*

O enorme *canard* do falecimento do imperador Guilherme foi forjado, consta, por indivíduos interessados em especulações de bolsa.

Não há como ser rei; basta soltar o último suspiro e fechar os olhos, para fazer com que muita gente ganhe e muita gente perca dinheiro... E isto sem fazer testamento!

*

Nós tínhamos a estátua do general Gurjão, no Pará, – a de Gonçalves Dias, no Maranhão, – a de D. Pedro I e a de José Bonifácio, nesta Corte, – e a do conde de Porto-Alegre, no Rio Grande do Sul –: agora temos a de Buarque de Macedo num jardim da estação de S. Diogo, da Estrada de Ferro D. Pedro II.

A distinção – que tem um caráter de modéstia bastante simpático – é bem merecida. Buarque de Macedo não passou como simples meteoro pela administração do país: deixou um sulco profundo e luminoso.

Aquela mesma estátua, erguida numa praça pública, poderia ser considerada um epigrama: onde está, está bem.

*

Vou fechar a crônica com uma nota lúgubre, registrando nestas colunas os nomes dos dois brasileiros notáveis, que acabaram de ser feridos pela morte: o do Dr. João Silva, ilustre clínico, verdadeiro tipo de sacerdote da ciência, e o de D. Francisco Baltasar da Silveira, magistrado integérrimo e esclarecido. Disse.

Elói, o herói

3. *Croniqueta*⁴

Santo Antônio, S. João e S. Pedro vão de ano para ano perdendo o seu prestígio. As grandes fogueiras, o cará assado e o livro de sortes desapareceram na noite dos tempos.

A nossa terra tem perdido completamente o seu tom característico; a nossa fisionomia é outra que não era há trinta anos passados. Os romances de Macedo e as comédias de Pena já nos parecem páginas exóticas, em que se descreve uma sociedade pré-histórica.

*

O francesismo introduz-se em tudo, e muita asneira indígena pretende coonestar a sua existência inculcando-se coisa de importação.

Por exemplo: as seções que no *Diário de Notícias* e no *Diário Ilustrado* se incumbem de dizer quais são as senhoras que passam pela rua do Ouvidor, e descrever-lhes as *toilettes*.

A leitora – que num processo intentado contra semelhante tolice pode ser ao mesmo tempo juiz e parte – diga-me: conhece coisa mais inconveniente, mais indiscreta, mais soez e mais provinciana? As senhoras fluminenses deviam reunir-se e protestar contra tal dislate jornalístico.

*

E o pobre Tinoco, tão cheio de mocidade e de vida, que lá foi fazer a última viagem, e a única da que não mandará *compte-rendu* ao *Jornal do Comércio*!

Eu achava-me há dias numa roda, quando chegou a notícia da morte deste excelente rapaz.

- Era um belo moço! disse um comendador.
- Um magnífico repórter! disse um jornalista.
- Um companheiro! disse um rapaz.
- Uma pérola! disse outro.
- O melhor par para valsa que havia no Rio de Janeiro! disse uma senhora.

*

E termino aqui, porque o paginador da *Estação* recomendou-me que escrevesse muito pouco.

Elói, o herói

4. *Croniqueta*⁵

Rio, 21 de maio.

Depois da minha última crônica produziu-se o fato mais importante de nossa vida social: foi declarada extinta a escravidão no Brasil.

Houve três dias que valeram por três séculos: esta data – 13 de maio – vai figurar na nossa história com eternas irradiações.

Folgo de lembrar neste periódico de senhoras, que foi a mão de uma senhora que assinou a suspirada Lei, ao mesmo tempo libertando o escravo do cativo, e a nós outros, que nascemos livres, da inaudita vergonha de ter escravos.

Honra e glória à princesa D. Isabel! Que o seu nome simpático seja transmitido à mais remota posteridade, envolvido nas bênçãos das mães dos oprimidos e dos escravizados! Que a História faça das suas páginas um sacrário que o guarde e um documento sublime que o santifique eternamente!

Virentes palmas e imarcescíveis coroas reserve o futuro para quantos colaboraram na grande obra do arrasamento dessa negra Bastilha – a Escravidão –, em cujas masmorras se acham presos e manietados os brios deste vasto Império! A frente desses heróis invencíveis, que para a vitória tanto trabalho deram à cabeça como ao coração, conserve a História o nome glorioso de José do Patrocínio, o mais brilhante, o mais aparelhado, o mais lógico, o mais simpático e o mais popular dos apóstolos do Abolicionismo!

E a minha glória consistirá na deliciosa contemplação da glória alheia.

*

O Imperador piorou em Milão. O telégrafo, inflexível no seu laconismo barato, chegou a pintá-lo num estado desesperador. Esta notícia caiu de chofre sobre a população, no momento em que esta se preparava para comemorar ruidosamente a Lei da Liberdade.

Entretanto, ao que parece, a própria Lei repeliu a morte para longe do leito imperial, e o velho e honrado soberano cobrou alento, vivificado pelo calor da apoteose da filha estremecida. Está salvo o Imperador. Deus no-lo restitua.

*

As festas da Imprensa Fluminense, projetadas, discutidas e realizadas em sete dias apenas, jamais sairão da memória do Povo. Nunca a alma popular vibrou com tanta intensidade; nunca a imprensa mostrará tão evidentemente que nada sobrepuja a sua força, desde que a sua força seja dignamente empregada.

A missa campal de S. Cristóvão, as corridas, as regatas, os espetáculos gratuitos, os bailes públicos, os fogos de artifício, o préstito das escolas, e sobretudo, essa inolvidável procissão de domingo, – tudo esteve digno do sagrado objeto da comemoração.

O povo fluminense mostrou que sabe ser um grande povo. Nenhum distúrbio sério perturbou as festas. Dir-se-á que a Lei de 13 de Maio, acabando com os escravos, acabara igualmente com os desordeiros.

Permita a leitora que, pela primeira vez, me desvaneça de pertencer também, embora obscuramente, a poderosa falange da nossa Imprensa.

*

No meio destas estrondosas alegrias tem havido, infelizmente, um sopro gélido de morte. Alguns brasileiros distintos desapareceram nesta quinzena: o conde da Parnaíba, o deputado Cunha Leitão, o senador de um dia Barão da Leopoldina, o advogado José Caetano, o médico Souza Fernandes...

O mais ilustre, porém, dos mortos da quinzena é Luiz de Castro, o redator chefe do *Jornal do Comércio*, e uma das fisionomias mais acentuadas e mais originais da nossa sociedade.

Era um grande egoísta e um grande preguiçoso, mas tinha tanto talento, tanta sabedoria e tanta virtude, que apenas perdurará a memória dos lados bons da sua grande individualidade.

Procurado um dia na redação do seu jornal por um *effronté*, que pretendia alugar-lhe a consciência, ele perguntou-lhe com o seu sorriso eternamente irônico:

— Diga-me cá: é coisa em que se possa ganhar cinco ou seis mil contos de réis? E como o outro se calasse:

— Ah, meu amigo, por menos não vale à pena deixar, pela primeira vez, de ser honesto!

Elói, o herói

P.S. – Estava no prelo esta crônica quando se espalhou na cidade a triste notícia de que o Imperador piorara de novo. Faço votos ardentes pelo restabelecimento de Sua Majestade. – E., o H.

5. *Croniqueta*⁶

Rio, 6 de agosto.

O assassinato de Santana Ramos por Umbelino Sillos não tomaria as proporções de um acontecimento, se não fosse perpetrado a dois passos da rua do Ouvidor. É um crime vulgar, que não teria repercussão alguma, se fosse perpetrado de portas a dentro, ou numa rua escura da Cidade Nova ou da Prainha.

Como a leitora sabe, trata-se de um caso muito melindroso para ser gozado num jornal de senhoras. O drama passou-se entre gente de baixa educação e de péssimos sentimentos: o marido ultrajado, que espera resignadamente quatro anos para vingar a sua honra; o morto que andava por toda a parte a perseguir com lérias e dichotes o homem a quem fizera a suprema injúria; a tal Maria das Dores, que vai ao Necrotério depositar coroas funerárias sobre o caixão do seu amante, e nega depois, em juízo, que não foi tal sua amante, e que não é filha de seu pai, e que não é mãe de seu filho; o pai, que acolhe em casa o amante da filha, – toda essa gente é suja, e não merece um dedal de tinta.

O povo pronunciou-se em favor do assassino, e vaiou e apedrejou a adúltera, como se fazia no tempo em que Nosso Senhor Jesus Cristo andou cá por baixo. Não compreendo esse procedimento do povo. Sillos, tendo, aliás, a atenuante de ser perseguido pelo amante de sua mulher, está longe de parecer um desses heróis diante dos quais a sociedade é obrigada a curvar-se, e ela, Maria das Dores, é uma pobre estúpida, sem educação, sem responsabilidade, sem imputabilidade, sem senso moral.

Que diabo! O povo, se quiser ser lógico, tem que apedrejar a muita gente...

✱

Regressou do Rio da Prata a comissão encarregada de representar a imprensa fluminense nas festas da independência da República Argentina.

Os Srs. Pederneiras, Dermeval, Fernando Mendes e Siqueira Cavalcanti vieram ajoujados de presentes e amabilidades. Andaram por lá de mão em mão, viram-se em palpos de aranha, e não tem expressões com que descrevam o que viram e manifestem os sentimentos de que se acham possuídos.

Todos nós da imprensa temos uma parte nesses sentimentos; se formos, como é de presumir, vitados [sic] também pelos nossos colegas de Buenos Aires, convém que nos unamos todos para recebê-los dignamente.

✱

Enquanto não se festejava a imprensa buonarense [sic], festejou-se a *Gazeta de Notícias*, por ocasião do seu décimo terceiro aniversário, na pessoa de Ferreira de Araújo, digníssimo chefe da redação.

Se bem que me não houvessem convidado para essa manifestação, a que me associaria com todo o prazer, folgo de ter ainda uma vez ensejo de expor publicamente a minha simpatia pela *Gazeta de Notícias*, a mais vitoriosa de todas as empresas jornalísticas havidas e por haver neste país.

*

Também me associo à manifestação de que foi alvo Machado de Assis num banquete do hotel do Globo.

Trinta amigos cotizaram-se para cumprimentá-lo *inter pocula* pela sua nomeação de oficial da Ordem da Rosa: eu cumprimento, não o comendador, mas o amigo, o conselheiro, o mestre, e folgo de o fazer nestas páginas honradas pela sua pena ilustre.

*

Notícia que me deu muita satisfação foi a da próxima nomeação de Escagnolle Taunay para diretor da Academia de Belas-Artes. O Governo não poderia escolher melhor: este nome de Taunay – que é legendário naquela casa – transformará certamente a Academia num estabelecimento de utilidade pública.

*

O Imperador do Brasil está em viagem para o Rio de Janeiro, e a Princesa Regente, durante alguns dias acometida por ligeira enfermidade, acha-se completamente restabelecida.

Deus proteja a família imperial brasileira!
Elói, o herói.

6. Croniqueta⁷

Rio, 20 de março de 1889.

A falta d'água. – O Dr. Moysés. – Um homem popular. – Ainda o Carnaval. – D. Helena de Araújo. – Ku e Fu. – Os fumadores de ópio. – A gravura da *Estação*. – Teófilo Dias.

A falta d'água tem sido o assunto obrigado de todas as crônicas; mas como estas crônicas são sempre lidas muitos dias depois de escritas e tem agora chovido bastante, é provável que à hora em que for distribuído o presente numero da *Estação*, já não lutemos com semelhante flagelo. O Dr. Frontin comprometeu-se a dar-nos água em seis dias, e o Dr. Frontin não é um homem que falte a um compromisso solenemente tomado perante uma população inteira. S. S. será cognominado no futuro – o Sr. Moysés.

*

Mas quanto episódio interessante nos trouxe a falta d'água!

O Governo não atava nem desatava, limitando-se a proibir *meetings* e demonstrações. O *Diário de Notícias* anunciou aos quatro ventos que um engenheiro

havia que declarara trazer em seis dias as águas da Serra do Comércio. O Governo quis imediatamente saber quem era esse engenheiro: era o Sr. Dr. Américo dos Santos. S. S. foi chamado à Secretaria da Agricultura, e aí declarou que não dissera semelhante coisa. Nisto, outros dois engenheiros se comprometeram a trazer a água em quarenta dias. O Governo só então pensou que nesse prazo ele por si só poderia arranjar as coisas, e resolveu arranjá-las administrativamente. Foi quando apareceu o Dr. Frontin, que, se conseguir o que prometeu, será um dos homens mais populares da nossa terra, e poderá desassombradamente apresentar-se candidato nas próximas eleições para vereador e até para deputado geral.

*

O obituário que chegou a registrar 163 enterramentos no mesmo dia, tem descido consideravelmente, e toda gente está de acordo em que esse terrível acréscimo foi devido aos folguedos do Carnaval.

A saúde e a moralidade pública nada perderiam se se suprimissem as saturnais carnavalescas.

*

Entre os falecidos distinguimos uma virtuosa senhora, a idolatrada mãe do nosso amigo Dr. Ferreira de Araújo, redator chefe da *Gazeta de Notícias*. A *Estação* envia os seus sinceros pêsames por tão chorosa perda.

*

A nota cômica desta lúgubre quinzena foi a chegada de dois embaixadores chineses com uns nomes muito curtos mas muito esquisitos: Fu e Ku.

A vinda desta embaixada prende-se à questão da imigração chinesa: Ku e Fu vieram examinar-nos *in anima villi*. Espero em Deus que a febre amarela, o calor, a falta d'água e os acessos perniciosos lhes tenham deixado ao espírito uma impressão muito desfavorável, e que tão cedo não se lembrem de mandar para cá os seus enrabixados patricios.

Deixem-os lá, entregues à delícia dos sonhos causados pelo ópio, como os representa a gravura publicada neste número da *Estação*.

Não tragam para cá o *chibuc*; o brasileiro já está bastante enervado pelo tabaco e pelo café, esses dois símbolos augustos da sua nacionalidade: não precisam do ópio, nem desejam as huris do paraíso de Buda.

Não queremos Confúcio: em matéria de filosofia bastan-nos o Marquês de Maricá.

*

Um telegrama de S. Paulo dá como gravemente enfermo o notável poeta Teófilo Dias.

Conto que o autor de *Lira dos verdes anos* e dos *Cantos tropicais* saia vitorioso desse combate com a Morte, e continue a brindar-nos com a sua poesia sonora e ilustre.

Elói, o herói.

7. *Croniqueta*⁸

Rio, 19 de novembro de 1889.

A República. – A família imperial. – *Dura lex, sed lex*. – Lúcio de Mendonça. – Olivier Meira.

Há quatro dias, precisamente ao distribuir-se o último número deste periódico, foi proclamada a República Federativa do Brasil. Há por aí muita gente que ainda se não convenceu da realidade, e se julga o ludíbrio de um belo sonho.

Eu preferia que a República se fizesse no Parlamento, por vontade expressa do povo, e não pela força das armas; mas, uma vez que assim foi, aceitemo-la como um presente de Deus, e unamo-nos todos para que Ele conserve a paz e a tranqüilidade deste belo país, reservado a grandes destinos.

Durante os dois primeiros dias da República, notava-se em muitos semblantes a consternação e mesmo o terror; a população, caminhando vagarosa, melancolicamente, parecia oprimida por um peso moral, por uma dor estranha e violenta. Só se agitava alegre essa patulêia que aplaude indistintamente a vitória de todos os partidos.

Bem depressa, porém desapareceu essa expressão de azedume, hoje me parecem todos satisfeitos e felizes. A cidade está em sossego, o comércio em movimento, o câmbio a 27 ½, e os títulos brasileiros, que naturalmente baixaram ao rebentar a grande nova, subiram logo depois.

Decididamente há uma estrela que protege a nossa Pátria! Em nenhum outro país do mundo se transformaria assim da noite para o dia a forma de governo sem ser preciso derramar uma gota de sangue; em nenhum outro país se notaria nas ruas esta placidez e nas casas esta confiança, como se nada se passasse.

*

Toda a família imperial foi deportada, e partiu para a Europa anteontem, a bordo do paquete *Alagoas*.

Sabem as leitoras da *Estação* que muitas vezes manifestei aqui minha simpatia por essa família, modelo de gente séria, e não será agora que a minha pena lhe negue todas as honras; tanto mais que o próprio *Jornal do Comércio* não teve uma saudade para o velho imperador, e foi expulsa no meio do mais profundo silêncio, apenas intercortado por algumas lágrimas medrosas, aquela a quem todos nós chamávamos a mãe dos brasileiros.

Mas... *dura lex sed lex*. Console-os a idéia de que se sacrificam pela felicidade da Pátria, e de que, sejam quais forem os nossos destinos, nós, brasileiros, nós, republicanos, lembrar-nos-emos sempre do Imperador que tivemos, e do seu desejo de bem servir, desejo muitas vezes malogrado pela impotência do próprio esforço e pelas maus conselhos de ruins cortesãos.

*

Deus proteja o Brasil, e ilumine esses homens superiores, essas grandes inteligências que se colocaram à testa da direção suprema da República!

*

Depois desse, os demais assuntos empalidecem; pode se mesmo dizer que não houve então assunto durante a quinzena.

Entretanto, seria imperdoável que a *Estação* não se congratulasse com Lúcio de Mendonça, um dos seus colaboradores mais ilustres e mais assíduos, pela sua nomeação para o cargo de secretário do ministro da Justiça, e não lhes desse os pêsames pelo falecimento de Olivier Meira, o grande compositor das suas valsas mais prediletas, o poeta das *Rosas*, o sonhador da *Vaga*.

Elói, o herói.

8. *Croniqueta*⁹

Rio, 7 de julho de 1890.

Cavaco. – A Constituição. – Senhoras e padres. – Os americanos. – A ver navios. – O cassino aderiu. – O *grand-prix* do Derby. – Club.

No número passado brilhei pela ausência, mas as leitoras da *Estação* não deram por isso: nenhuma delas mandou cá em casa saber da minha saúde, – sim, porque é sabido: só deixa de haver crônica por moléstia do cronista.

*

Entretanto, para a crônica passada havia um momentoso assunto: a Constituição, que tanto tem dado que falar e tanta tinta tem gasto.

Pode-se dizer que da montanha saiu um rato, porque a Constituição só dá regras em matéria eleitoral, e deixa as outras para serem discutidas e aceitas ou rejeitadas pelo Congresso.

As senhoras não votam nem são votadas; a Constituição não fez a vontade a D. Josefina de Azevedo, redatora da *Família*, e outras; mas suas excelências podem consolar-se com os padres, que, se votam, não são votados!

Essa exclusão tem dado naturalmente motivo a acerbos reclamações, e a alguns protestos mais ou menos vibrantes.

Todos se lembram de que foi um padre, o ilustre Sr. João Manuel, o primeiro que, em plena câmara dos deputados, no régimen monárquico, ousou dar um viva à República, e todos sabem que nas nossas revoluções políticas sempre figuram, do lado de liberdade, sacerdotes da religião do Cristo.

É clamoroso ver negar a D. Antônio de Macedo Costa o direito que se concede ao cobrador Seixas e ao Vinte-e-Nove!

*

Esteve aqui uma esquadra americana, uma esquadra de navios brancos, pon-do uma nota branca no aspecto da nossa bela baía.

A oficialidade foi muito festejada, mas não quis que lhe sucedesse o mesmo que aos chilenos do *Almirante Cockrane*, os quais saíram do Rio de Janeiro completamente estrompados: pouco se demorou.

Os briosos oficiais retiraram-se de um baile do Cassino às 4 horas e às 6 levantaram ferro. A ausência dos navios brancos foi uma surpresa para os basbaques e

palúrdios, que todos os dias vão ao cais entregar-se ao nobre passatempo de contemplar as embarcações ancoradas no porto. Os pobres ficaram a ver navios.

*

Pois é verdade, reabriu-se o Cassino, – e, como as leitoras lá estiveram, notaram sem dúvida a surpresa dos móveis, das colunas, dos espelhos e das tapeçarias.

– Que é isto? Diziam eles; que gente é esta? Que transformação foi essa? Onde está a família imperial? Que novo imperador é este? Que nova imperatriz é aquela?! ... Que se passou, meu Deus, durante meu longo sono?...

Mas, afinal, o Cassino, como tudo mais, acabou por aderir à República.

*

E o *grand-prix* do Derby-Club? Uma linda festa, não foi?

É tão agradável ver mulheres bonitas e magníficas *toilettes*!

Elói, o herói

9. *Croniqueta*¹⁰

Rio de Janeiro, 19 de julho de 1890.

Teresópolis. – Duelo. – Um general que tem razões de cabo de esquadra. – Os *bonds* na rua de Gonçalves Dias. – Belas-artistas. – Olavo Bilac. – O príncipe Obá.

Petrópolis e Friburgo vão ter uma concorrente: inaugurou-se a cidade de Teresópolis, – mais um ninho para as andorinhas do *high-life*, expulsas pela canícula da capital federal.

Ainda bem que os fundadores de Teresópolis tiveram o bom gosto de conservar o nome da virtuosa imperatriz, cuja memória deve ser sagrada para todos os brasileiros.

Ao menos o nome de Teresa seja lembrado pela graciosa cidadezinha, perdida entre verdes montanhas e florestas.

*

O dia 14 de julho foi ruidosamente festejado pelo governo, pela imprensa e pela população, que se mostrou animada e satisfeita.

Não há dúvida que depois do 15 de novembro os regozijos populares tomaram um caráter mais franco e mais alegre: já não se vê, como antigamente, desfilar na rua do Ouvidor uma população melancólica e taciturna. Parece que há sangue novo nas veias de todo mundo.

*

Um dos fatos mais comentados durante a quinzena foi um duelo *manqué* entre dois oficiais da Armada.

Cada um desses oficiais tinha, naturalmente, duas testemunhas. Como estes não chegassem a um acordo, recorreram a um mediador plástico. Este resolveu, em definitiva, que os dois adversários não se podiam bater, e a razão é a seguinte: um deles é capitão de mar e guerra e o outro é apenas capitão de fragata.

O resultado foi ótimo, porque o duelo era de morte, e não se tratava precisamente de um ponto de honra; a leitora há de convir que, não obstante o mediador plástico ser general, a sua razão foi de cabo de esquadra.

*

Há dias um *bond* de Botafogo esmagou uma criança na rua de Gonçalves Dias. Algumas pessoas do povo, excitadas por esse medonho desastre, opuseram-se a que outros *bonds* passassem do largo da Carioca, e tentaram arrancar os trilhos.

No dia seguinte o chefe de polícia, o presidente da Intendência Municipal e o gerente da companhia de Botafogo conferenciaram, e ficou assentado que os *bonds* naquela rua só andariam a passo.

Pois bem: os *bonds* continuam a descer até o ponto com a mesma velocidade com que sempre desceram.

Quando morrer outra criança, ou mesmo um adulto, os cocheiros dignar-se-ão levar os carros a passo.

Pílulas!

*

Está aberto, no barracão do largo do S. Francisco, o mesmo que serviu para a exposição do quadro *Redenção do Amazonas*, de Aurélio de Figueiredo, o curso livre de belas-artes.

Não sei o que faz o governo que não resolve a questão da Academia. Os professores oficiais não têm que fazer, porque os alunos abandonaram o celebrado monumento de Grandjean de Montigny.... O curso do barracão tem um caráter muito provisório, porque aquela almajarra não pode ficar ali muito tempo, pois contra isso berram as próprias belas-artes.

Parece-me que é tempo de resolver alguma coisa.

*

Partiu para a Europa, onde pretende demorar-se algum tempo, na qualidade de correspondente da *Cidade do Rio*, o primoroso poeta e cintilante cronista Olavo Bilac.

Desejo sinceramente que o autor da *Tentação de Xenócrates* colha os melhores frutos desta viagem tônica e saudável, e nos volte, se é possível, ainda mais inspirado e correto.

A *Estação*, que teve a ventura de publicar os seus primeiros versos, manda-lhe um adeus saudoso e comovido.

*

Um morto, um só o príncipe Obá, esse extraordinário tipo das ruas, que merecia ser imortalizado na tela pelo pincel de um Velasquez.

Foi uma das numerosas vítimas da maldade humana, – porque há criaturas que se divertem com a loucura alheia.

*

Para prova, aí está a coroação do Sr. Felinto de Oliveira, um pobre pai de família que tem a mania da literatura, e serve de bobo a uns tipos que se divertem à custa dele e o exploram miseravelmente.

Elói, o herói.

10. Croniqueta¹¹

Rio, 21 de outubro de 1890.

Novos e Velhos. – Norte e Sul. – O *Jornal do Comércio*. – Silvestre de Lima. – O Hipódromo Nacional. – Vaidades e paixões. – A luz elétrica no Correio. – Uma enfiada de assuntos. – Jeanne Samary.

Tranqüilizem-se as leitoras: não venho enfastiá-las, metendo a minha colher no alguidar dos *Novos e Velhos*, nem na gamela do *Norte e Sul*, absurdas pendengas que alguns espíritos desorientados pretendem arvorar em questões literárias. Ora já se viu!

Estou de mau partido, porque o Sul e os Novos estão na ponta, e eu sou do Norte e sou Velho, porque, segundo legislou um dos que arrotam sentenças do grupo revolucionário, os literatos só são Novos até as 25 primaveras.

Entretanto, não julguem ser por despeito que me insurjo... Já disse noutra folha que no Brasil, em literatura e arte, não há Sul nem Norte: há o Rio de Janeiro, e, a escrever, um Velho pode ter vinte anos e um Novo oitenta.

*

Um Velho que vai ficar Novo é o *Jornal do Comércio*.

O grande órgão, comprado pelo pai do Sr. Villeneuve, em 1832, por cinqüenta e tantos contos, acaba de ser vendido a um sindicato pela bonita soma de 3,500:000\$.000.

Souza Ferreira, o medalhão, foi substituído por José Carlos Rodrigues, homem moderno e de iniciativa e talento.

Palpita-me que o *Jornal do Comércio*, a cujo espírito de conservadorismo e rotina devemos, em grande parte o atraso das nossas letras, vai deixar de ser o pesado e discreto mensageiro de notícias, para torna-se um fator do nosso progresso artístico; vai deixar de ser o escaradouro passivo da bilis pública, para tornar-se a válvula do talento e das idéias. Queira Deus que eu não me engane!

*

À hora em que escrevo, ferve uma questão entre o Governo Federal e o do Rio de Janeiro, – a questão Sapucaí. Receio que o assunto desagrade às leitoras, a quem bem pouco se dá que a zona da Estrada de Ferro Central do Brasil seja ou não invadida. Demais, a questão, pelo que me dizem, vai dar em nada, porque os dois governos estão resolvidos a fazer concessões mútuas, de modo que o Sr. Glicério fique e o Sr. Portela não saia.

*

Prefiro falar de Silvestre de Lima, e pedir simpatia das leitoras para o infeliz poeta, que um desvario levou ao crime, e se acha sentenciado a vinte anos de cadeia.

Prepara-se uma representação de homens de letras e jornalistas, solicitando o perdão do moço que em apaixonadas endechas cantou a liberdade dos outros, e vai agora envelhecer no cárcere. Se o belo sexo, em geral afeiçoado aos poetas, tentasse alguma coisa em favor de Silvestre de Lima, com mais facilidade ganharíamos essa grande causa.

*

Naturalmente o fato da quinzena que mais preocupou as leitoras foi a inauguração do Hipódromo Nacional, no Engenho Velho, entre as ruas Hadock Lobo e Mariz e Barros.

Se os clubs de corridas interessam muito aos homens, por causa das violentas sensações do jogo, interessam ainda mais às senhoras, porque lhes deparam lugar e ocasião para ostentarem as suas *toilettes* e a sua beleza.

O Jockey-Club, o Derby Fluminense e agora o Hipódromo Nacional são as arenas em que se medem vaidades e paixões. O melhoramento da raça cavalar é um pretexto.

*

A Repartição dos Correios está agora iluminada à luz elétrica, tal qual a cidade de Campos e a Estação da Estrada de Ferro. É pena que a distribuição da correspondência não se possa fazer também por eletricidade...

*

O pequeno espaço de que disponho obriga-me a passar por alto alguns assuntos que mereciam glosa: o Código Penal, a partida dos dois agitadores Patrocínio e Jardim, a festa do Jardim Zoológico, a inauguração dos botequins no terraço do Passeio Público, a festa da Penha e os ataques noturnos.

*

Nos domínios da arte, tivemos a exposição do magnífico retrato do generalíssimo Deodoro da Fonseca, pintado por Henrique Bernadelli, e *Dirceu*, interessante monografia de Araripe Júnior sobre os poetas da Inconfidência.

Se a leitora foi a Paris, não deixou de ir à Comédie Française, e, se foi à Comédie Française, viu com certeza representar a Samary, isto é, a graça, o encanto, o espírito, a beleza, a *verve*, o riso, que se fizeram atriz.

O último correio da França trouxe-nos a dolorosa notícia de haver morrido essa ilustre intérprete de Molière, contando apenas 33 anos de idade.

Aumenta o nosso desgosto a notícia de que o grande Coquelin, segundo me comunicou sob certa reserva (já agora desnecessária), pretendia trazer-nos a Samary para o ano.

Elói, o herói.

Notas

¹ Uma seleção da colaboração de Artur Azevedo com *A Estação* será publicada brevemente em uma edição anotada.

² *A Estação*, 30 de junho de 1886

³ *A Estação*, 15 de março de 1887

⁴ *A Estação*, 30 de junho de 1887

⁵ *A Estação*, 31 de maio de 1888

⁶ *A Estação*, 15 de agosto de 1888

⁷ *A Estação*, 30 março de 1889

⁸ *A Estação*, 30 de novembro de 1889

⁹ *A Estação*, 15 de julho de 1890

¹⁰ *A Estação*, 31 de julho de 1890

¹¹ *A Estação*, 31 de outubro de 1890

Fonte: “Mercúrio”, 01/08/1898